

APRESENTAÇÃO

Este volume de *Perspectivas* conta com oito artigos agrupados em três seções temáticas. Além disso, traz também, na seção “Documento”, o último texto escrito por Émile Durkheim antes de sua morte e até então inédito em português.

O primeiro bloco temático, “Trabalho e ocupação”, contém dois artigos centrados na discussão de algumas das dimensões que atormentam o cotidiano do trabalho e da ocupação na sociedade contemporânea. O primeiro, escrito por Vera L. S. Botta Ferrante e Henrique Carmona Duval, trata da atuação feminina em dois assentamentos rurais, um na região de Araraquara e outro no Pontal do Paranapanema, ambas no estado de São Paulo, dando ênfase às semelhanças e diferenças nas relações de gênero que se desenvolvem em cada um deles. Para isso, resgata o papel desenvolvido pelas mulheres na casa, no lote familiar e na produção de alimentos, para lançar luz sobre as consequências do crescimento de suas reivindicações e de suas conquistas no espaço público. Os autores utilizam-se da categoria “trama de tensões” para compreender o sentido das diferentes estratégias desenvolvidas pelas famílias assentadas em cada região, e colocam o seu foco de análise nos papéis assumidos pelas assentadas na divisão sexual do trabalho, bem como em sua participação nos espaços de sociabilidade e na diversificação agrícola, abrindo possibilidades e apontando limites nas políticas públicas a elas dirigidas; e, ao mesmo tempo, revelando os passos mais significativos de sua emergência como sujeito político.

O segundo texto, da cientista social mexicana Beatriz Bustos Torres, articula a investigação sobre ocupação e emprego de profissionais egressos da universidade com a variável de gênero, para mostrar que os dados estariam indicando uma expressiva recomposição do estrato mais qualificado da força produtiva do México, com especial ênfase às mulheres. Para apresentar o seu argumento, a autora apresenta o lugar e as principais características das atividades produtivas desenvolvidas por

profissionais de ambos os sexos egressos das universidades mexicanas, tendo por base as análises dos dados gerados pelo Instituto Nacional de Estatística, Geografia e Informática (INEGI) do México nos Censos e Contagens de População e Moradia, e na Pesquisa Nacional de Ocupação e Emprego. Trata-se de uma interessante abordagem que, além de apresentar e analisar um conjunto expressivo de informações empíricas, também recupera a pertinência teórica e metodológica de algumas proposições acerca do emprego e da ocupação profissional, muitas vezes, negligenciadas pela literatura especializada.

A segunda seção, “Memória, identidade e discurso regional”, reúne textos que, ainda que bastante distintos em termos de referências teóricas e modos de abordagem, têm em comum a preocupação de pensar questões culturais privilegiando a dimensão regional com ênfase aos intelectuais locais e a suas relações com a esfera nacional. O primeiro, “Ingerências da memória na história: o caso das cidades paulistas”, de João Miguel Teixeira de Godoy, a partir da análise da produção historiográfica sobre a cidade de Campinas, no interior do Estado de São Paulo, aborda o que considera ser um problema central dos estudos históricos: estabelecer parâmetros para a avaliação da produção dos historiadores. Com esse objetivo mais amplo, procura explicitar as articulações entre a trajetória histórica da cidade que, desde o final do século XIX, despontou como um dos polos dinâmicos da economia paulista e a produção de todo um conjunto de estudos e obras voltadas para a instituição de sua memória coletiva. Para tanto, o artigo dá destaque aos escritos de duas gerações de intelectuais autodidatas, essencialmente, compostas por jornalistas e que se constituíram como a voz autorizada acerca do passado da cidade, pelo menos até os anos de 1970.

O texto seguinte, de Maria Julieta Weber Cordova, analisa o discurso regional que se nutre da afirmação da singularidade da formação social e histórica paranaense, tendo como foco a produção intelectual de Bento Munhoz da Rocha Netto, Brasil Pinheiro Machado e David Carneiro. Para realizar o seu intento, a autora se municia de um referencial teórico sociológico que toma como ponto de partida a relação entre os conceitos de *linguagem de autoridade* e *espírito de família* de Pierre Bourdieu. A partir da análise das trajetórias e dos vínculos sociais desses três “intelectuais” regionais, o texto

pretende demonstrar que o discurso autorizado que buscou construir a identidade do Paraná fundamenta-se numa lógica de reprodução e distribuição do capital cultural herdado que tem como elementos chave a herança familiar e sua correlação com o poder político regional.

Com base nos escritos de Jean-François Sirinelli e Christophe Charle, o trabalho de Lorena Madruga Monteiro revisa uma polêmica, travada entre o escritor Érico Veríssimo e o Padre Leonardo Fritzen S.J. durante os anos 1940, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que levou a uma grande polarização do campo intelectual, com os grupos envolvidos digladiando-se através de artigos e manifestos. A polêmica se inicia e ganha contornos mais pungentes com a queixa-crime deflagrada por Veríssimo contra o padre jesuíta, após este ter publicado um artigo no qual repreendia de modo dogmático e inquisitorial o conteúdo de sua obra “O resto é silêncio”. A partir daí, a intelectualidade gaúcha viria à cena pública manifestar-se em solidariedade a um ou outro dos envolvidos na questão. Destrinchando as bases sociais e intelectuais dos grupos envolvidos com o episódio, o artigo procura demonstrar que, na Porto Alegre do período, a esfera intelectual, de um lado, desenvolvia-se sob o monopólio dos católicos das Congregações Marianas e, de outro, sob a crescente influência do grupo reunido em torno da Editora Globo, ainda que mais heterogêneo social e ideologicamente. O texto revela também que os posicionamentos acerca da polêmica, assim como os manifestos escritos, repercutiam o contexto fortemente ideológico do período, especialmente em virtude da Segunda Guerra mundial e da polarização entre fascismo e comunismo, revelando tomadas de posição que iam muito além do contexto local e regional.

O outro conjunto de textos está organizado em torno do eixo temático “Pensamento político e teoria social” e se inicia com o trabalho de Daniel Vasconcelos Campos, sobre o historicismo em Max Weber. Como o próprio título já sugere, o artigo trata do pensamento de Max Weber sobre a ciência da cultura e tem como principal objetivo localizar de modo mais rigoroso sua teoria na discussão metodológica das ciências humanas. Para o autor, mais do que a abertura para um tema amplo, o conceito de ciência da cultura nos oferece o fio condutor para compreender uma forma de abordagem histórica. Nesse sentido, em sua perspectiva, a história torna-se uma dimensão fundamental no projeto de Weber

para se concretizar uma crítica não-filosófica ou uma crítica científica do pensamento.

David Simões, em “Liberdade e civilização no pensamento político de José de Alencar”, debruça-se sobre a vasta produção bibliográfica a respeito do tema da escravidão suscitada pelo debate sobre a emancipação no final da década de 1860. Para o autor, um dos expoentes da polêmica seria o romancista e político conservador José de Alencar. Este ao se posicionar contra a emancipação dos nascituros, proposta pela Lei do Ventre Livre, em 1871, considera que a emancipação deveria ser espontânea, ocorrendo pela revolução social dos costumes, já que a escravidão acabaria civilizando o cativo, habilitando-o a apreciar a liberdade como todo ser independente e racional. Nesse registro, liberdade e civilização aparecem como conceitos chave da elaboração teórica de Alencar, e não podem ser compreendidos de modo adequado sem que se leve em consideração tanto sua relação com a perspectiva de construção de uma identidade nacional proposta pelo romantismo no século XIX – visto que nela se inseriu ativamente – quanto o arcabouço teórico absorvido do liberalismo inglês – em especial de Stuart Mill – e que marca de modo indelével sua obra mais explicitamente política, ou seja, *O sistema representativo*, de 1868.

O artigo que completa essa seção, escrito por Antonio Claudio Engelke Menezes Teixeira, está centrado na reflexão sobre a relação entre internet, esfera pública e participação política, e procura realizar um duplo movimento teórico: 1) apontar as insuficiências da posição que se recusa, a priori, a considerar a internet como uma esfera pública; 2) adotar um referencial teórico e filosófico que permita dar um passo adiante no sentido de superar tais deficiências. Posicionando-se criticamente com relação aos teóricos que privilegiam o consenso e a racionalidade como elementos centrais à reflexão sobre a esfera pública, o autor sugere que as potencialidades da internet podem ser mais bem compreendidas trabalhando com um horizonte conceitual informado por outras vertentes teóricas. Para tanto, o autor reivindica algumas filiações teóricas: o antiessencialismo ontológico de Clifford Geertz; a neomonadologia relacional de Gabriel Tarde, o antifundacionismo de Richard Rorty; e as propostas de “democracia radical” e de “pluralismo agonístico”, apresentadas por Chantal Mouffe. Com esse esforço, fica claro que pretende-se não apenas apreender o que há de novo na vida

política desde o advento da internet, mas também estimular a necessidade de se resgatar a importância de conferir positividade às paixões políticas, através da abertura de novos espaços para a sua mobilização.

Na seção “Documento”, o leitor encontrará o texto “La Politique de Demain”, de Émile Durkheim, com tradução e apresentação de José Benevides Queiroz, professor da Universidade Federal do Maranhão. Nesse texto, publicado em abril de 1917 no jornal republicano radical *La Dépêche de Toulouse*, poucos meses antes de seu falecimento, Durkheim reiterava a necessidade de se superar a visão dos economistas liberais e defendia de modo bastante eloquente que o futuro do republicanismo dependia essencialmente de sua abertura às posições socialistas. Na visão de Benevides Queiroz, o interesse maior do texto está justamente em revelar um Durkheim pouco conhecido e bastante distinto da imagem que se tem sobre ele entre nós.

O Diretor

